

AUSÊN IAS

Há pouco tempo, voltando de Caracas, viajei ao lado de alguns deputados do PDS que haviam estado em Cuba e conversavam a respeito. Quando me dei conta do assunto e de quem eram os vizinhos naturalmente fiquei atento, à espera de revelações. Não foi preciso apurar o ouvido, pois eles falavam alto de propósito, para o avião inteiro escutar. Eram do tipo que divulga as irregularidades que pratica, sem o que talvez estas ficassem incompletas. Não lhes bastava ser deputado, furar fila e a alfândega, queriam que os outros soubessem disso. Os demais passageiros suportavam calados a fuzarca de seus representantes, que eram os únicos fora-da-lei ostensivos a bordo.

Conforme explicava um deles, não se vêem em Cuba desigualdades nem miséria como no Brasil, e a coisa pública é tratada com seriedade. Vindo de quem vinha, achei surpreendente, opinião também de um colega dele: — Voltou inoculado, heim? — Nada disso, respondeu o primeiro, que logo depois, em Brasília, votaria contra o restabelecimento das eleições diretas. Eles lá têm regime de partido único, e isso eu não aceito. Tem ainda que o Fidel é austero, o que no Brasil não funciona. Mais tarde, quando o tópico eram as medalhas olímpicas de Cuba, com uma população muitas vezes menor que a nossa, a saída que os deputados acharam foi o deboche: lá, quem não ganha medalha vai cortar cana. . .

O interessante contudo é que também no campo das oposições o socialismo deixou de ser assunto, isto depois de ter sido, juntamente com o antiimperialismo, uma presença ideológica viva. Esta ausência é uma mudança de fundo no panorama. Ela data do AI-5, quando aquelas noções foram empurradas para a clandestinidade, onde se estiolaram por falta de contato com a informação corrente, a pesquisa científica e o oxigênio da vida cotidiana. Com a descompressão dos anos Geisel houve tentativas de reanimação, sem resultado. Entretanto, não se pode dizer que o fun-

damento real daquelas noções tenha desaparecido: a visibilidade popular do imperialismo é maior que nunca, e hoje até os desavisados sabem que o capitalismo não tem solução próxima para a parte mais prejudicada da população. Por que então o desaparecimento?

É fato que a baixa do socialismo está um pouco em toda parte, alimentada pelas barbaridades cometidas em nome dele, pelo pouco lustre ideológico dos países de seu bloco, pelo desprestígio do marxismo nas universidades francesa, alemã e americana, de que nos vem a inspiração, e pela falta de uma análise convincente da atualidade mundial. Localmente, além da dúvida deixada pelas derrotas sucessivas de 64 e da política clandestina, há também o avanço do capital, que impregnou a imaginação popular e de classe média numa escala que é nova, tornando mais irreal a reflexão sobre modificações sociais profundas. Entretanto, se em tudo isso pode haver razões para descrer do socialismo, e não falta quem pense assim, não há razões para não falar dele, que, até segunda ordem, é parte da realidade. Neste sentido, às causas de descrença que lembramos convém acrescentar mais uma, o medo. Apesar da abertura, formou-se um tabu em torno do tema, conforme a prudência que manda usar sim a liberdade de expressão, mas só a cinquenta por cento. E se além da descrença no socialismo houver também descrença no alcance da redemocratização? Seja como for, a falta deste debate nos provincianiza e isola mais do que parece, como aliás se vê na conversa dos deputados que transcrevi atrás.

O discurso de Fidel Castro a respeito da intervenção em Granada, documento que adiante publicamos, ajuda a entender o último ponto. Posso estar enganado, mas creio que o leitor brasileiro de hoje perceberá com surpresa, incomodada ou emocionada, um clima que em nossos discursos políticos não se respira, embora tenha muito a ver com o real.